

Duas mulheres, duas histórias e um sonho em comum

ELAINE AGUILLERA*

Maria Helena Ferreira Vale Gonçalves é dona-de-casa, tem 48 anos, três filhos e o sonho de um dia estudar Enfermagem. Eleuza de Jesus é diarista, 33 anos, três filhos e sonha em ser engenheira agrônoma. Estas duas mulheres são um pouco o retrato da realidade feminina em pleno século XXI. Ambas largaram os estudos cedo e agora voltam aos bancos escolares em busca de um futuro mais promissor.

Neste mês que comemora o Dia Internacional da Mulher nada melhor do que mostrar exemplos como os de Maria Helena e Eleuza para brindar todas as mulheres brasileiras com histórias que podem servir como um incentivo para uma mudança de vida.

Maria Helena estuda no colégio particular Maria Auxiliadora, em um projeto de educação para adultos conveniado da prefeitura de Goiânia. Ela termina o 1º grau no próximo ano e já pensa na possibilidade de fazer um curso de Enfermagem. Diz que voltar a estudar foi um sonho. Ela chegou a trabalhar com a alfabetização de índios no Xingu, para onde foi acompanhar o marido. “Mas isso foi há muito tempo”, diz.

Segundo Maria Helena, sua preocupação durante várias décadas foi cuidar dos filhos, que hoje têm 22, 18 e 17 anos. Agora, no entanto, chegou a sua vez. Ela diz que com a volta à escola sua cabeça mudou muito. “É como pétalas que vão se abrindo e mostrando um mundo novo”, fala orgulhosa.

A história de Eleuza, que hoje trabalha como diarista no Grupo Transas do Corpo, não é muito diferente. Abandonou os estudos para cuidar dos filhos e trabalhar. Ficou 20 anos longe da escola e agora decidiu voltar para realizar seu sonho de menina. “Eu quero ser engenheira agrônoma”, diz, afirmando que não quer passar sua vida toda como faxineira. Como Maria Helena, Eleuza também tem três filhos. O mais velho, de 16 anos, estuda com ela. Os dois fazem o curso supletivo juntos. Eles sentam perto um do



outro e o menino, às vezes, pede explicação para mãe sobre algum assunto que não entende.

Eleuza está radiante com sua nova empreitada. “No começo senti medo, nervosismo, mas as coisas mudaram com o tempo”. No início de março ela comemorou mais uma vitória, após uma bateria de provas, passou para o estágio seguinte do seu curso. “E eu tirei 10 em matemática”, comemora.

As histórias de Maria Helena e Eleuza comprovam que, apesar de todas as dificuldades e preconceitos, as mulheres brasileiras têm conseguido se destacar nos bancos escolares. Segundo o relatório *Gênero e Educação para Todos – O Salto Rumo à Igualdade*, divulgado pela Unesco no final de 2003, as meninas já são maioria entre os estudantes da 5ª à 8ª série, no ensino médio e nos cursos de graduação. Os meninos somente estão em maior número nas matrículas de 1ª à 4ª série.

Onde estão as doutoras?

A história escolar das mulheres esbarra quando o assunto são os níveis mais altos, como doutorado e pesquisa. As professoras doutoras Hildete Pereira de Melo (Faculdade de Economia da Universidade Federal Fluminense) e Helena Maria Martins Lastres (Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro) coordenaram a equipe brasileira responsável pelo relatório *Brasil – Gênero, Ciência, Tecnologia e Inovação – Um Olhar Feminino*. O Projeto é uma iniciativa da Unesco e da Organização dos Estados Iberoamericanos (OEI), e faz um diagnóstico sobre a carreira científica das mulheres brasileiras.

A partir do banco de dados do CNPQ, elas comprovaram que as mulheres são maioria nas concessões de bolsas de iniciação científica e de mestrado, mas estão em desvantagem

nas bolsas de doutorado e pesquisa.

Em entrevista ao Fazendo Gênero, a professora Hildete disse que “o que mudou nos últimos vinte anos foi o crescimento da participação feminina no ensino superior e na pós-graduação, embora nas carreiras tidas como femininas”. Para a professora, as mulheres não precisam de incentivos particulares para incrementar sua participação nos programas de iniciação científica, porque elas “já apresentam uma maior taxa de participação nesses programas”.

A professora da UFF, no entanto, diz que para aumentar a participação nas carreiras tecnológicas é preciso políticas públicas que combatam a educação diferenciada. “As ciências exatas e a matemática não podem ser apresentadas para as crianças de forma sexuada”, completa.

O letramento como forma de poder

ELAINE AGUILLERA*
JOANA PLAZA PINTO**

"Brevemente: alfabetizar alguém significa mais ou menos torná-lo apto a decifrar a escrita. Ou seja, é alfabetizado quem conhece suficientemente os aspectos técnicos da escrita, em especial a correspondência som/letra, podendo assim ler – em um dos sentidos de ler – e escrever textos elementares. Já letramento implica algo mais complexo e sofisticado: que o cidadão possa ter acesso efetivo a certas práticas e a certos bens culturais disponíveis em uma sociedade letrada, na qual ele está inserido antes mesmo da alfabetização (talvez o conceito de analfabeto funcional equivalha a alfabetizado não letrado, desde que não se entenda por letrado, como na tradição, o cidadão de muitas letras, muito lido...)."

POSSENTI, Sírio. Critério de letramento. Coluna Littera. Disponível em <www.primapagina.com.br>, em 07/01/2003.

Em dezembro de 2002, no contexto da oficina de planejamento estratégico do Grupo Transas Corpo, para o período de 2003-2004, identificamos como uma deficiência presente, detectada na observação e na qualificação dos nossos trabalhos no Transas, a desqualificação das mulheres, mesmo das mulheres feministas, para a apropriação das tecnologias discursivas no jogo das relações de poder.

Traduzindo em miúdos, as nossas intervenções, até então, foram caracterizadas como insuficientes para colaborar com o aumento do discurso público das mulheres, seja via produção de textos (escrita), seja via apropriação de textos diversos (leitura), seja via fala pública organizada (discurso ou intervenções públicas orais). Ou seja, diferenças de gênero organizam desigualdades na apropriação do discurso público, seja escrito ou oral. Impelidas pela identidade 'mulher' a temer e/ou evitar a fala pública, as mulheres acabam por serem as menos aptas a enfrentar os jogos de poder do discurso público, e, neste grupo, as mulheres com pouco tempo de escolarização sem dúvida estariam em situação mais delicada ainda.

Além disso, no contexto das instituições de ensino formal, identificou-se também que um fenômeno importante da situação atual da escolarização no Brasil é uma despreocupação com a quantidade de pessoas que têm tido acesso a uma alfabetização de baixa qualidade,

com um longo percurso escolar também de baixa qualidade, acarretando um contingente cada vez maior de jovens com capacidade para decodificar letras e até reproduzi-las, mas com pouco ou nenhum acesso "às práticas e a certos bens culturais disponíveis em uma sociedade letrada".

as mulheres acabam por serem as menos aptas a enfrentar os jogos de poder do discurso público, e, neste grupo, as mulheres com pouco tempo de escolarização sem dúvida estariam em situação mais delicada ainda

Neste sentido, nota-se que a alfabetização continua a ser a preocupação principal das políticas governamentais. O analfabetismo brasileiro têm diminuído fortemente, em especial entre jovens entre 10 a 14 anos. Cada vez menos brasileiras/os estarão excluídas da alfabetização nos próximos anos.

No entanto, a qualidade dessa alfabetização e a continuidade do processo de letramento, com acesso a bens culturais da nossa sociedade letrada, não têm sido alvo de ações afirmativas. Ao contrário, alguns diagnósticos têm demonstrado que os resultados da centralização das políticas educacionais na alfabetização não garantem desempenho letrado das/os jovens. Como pode ser percebido nos resultados do

último Pisa (uma avaliação patrocinada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico): O Brasil ficou em último lugar, numa pesquisa que envolveu 32 países e avaliou, sobretudo, a compreensão de textos em alunos de 15 anos. O País obteve 396 pontos, 150 a menos que a Finlândia, país mais bem colocado. A Finlândia atingiu o nível 4, enquanto a média brasileira não passou do nível 1, atrás de outros países emergentes, como Rússia e México, que alcançaram o nível 2. No Brasil, as provas foram aplicadas em 4,8 mil alunos, da 7ª série ao 2º ano do Ensino Médio.

A partir destas constatações, o Grupo Transas do Corpo começou a pensar projetos que abordassem esta questão do letramento e da apropriação da leitura, da escrita e da fala como formas de poder. A primeira experiência foi o projeto "Entrelinhas: Para ler e escrever sobre sexo e poder", uma parceria do Grupo Transas do Corpo com a Fundação Carlos Chagas através do programa GRAL, que atingiu jovens entre 15 e 19 anos de escolas estaduais de Goiânia.

Para o biênio 2004-2005, a proposta é trabalhar o letramento na formação de lideranças femininas universitárias e de movimentos sociais. Para isso, o novo projeto pretende oferecer formação para a discussão de gênero, feminismo, sexualidade, saúde, direitos sexuais e reprodutivos, letramento, tecnologias discursivas e cuidado de si; favorecer o intercâmbio e a articulação das instituições e lideranças

participantes dos cursos entre si, e com outros grupos; sistematizar metodologia feminista e produzir materiais educativos sobre relações de gênero e sexualidade com e para as participantes dos cursos, conforme as necessidades de temas e formatos apontados por elas.

Como as experiências anteriores, nos cursos Conversa de Mulher e Fortalecendo Lideranças Femininas, mostraram-se positivas, pretende-se com essas novas formações fortalecer ainda mais este processo, possibilitando a abordagem da leitura e da escrita a partir da metodologia feminista, e fornecendo às mulheres mais um espaço de luta pública pela igualdade de gênero.



Órgão Informativo do Grupo Transas do Corpo

Av. Antônio Fidélis nº 1811, Pq. Amazônia
Goiânia-Goiás-Brasil – 74.840-090
Tel.: 55 (62) 248-2365 / Telefax: (62) 248-1484
fazendogenero@transasdcorpo.com.br

www.transasdcorpo.com.br

Apoio:

· Fundação MacArthur
· Fundação Ford
· International Women's Health Coalition

Conselho editorial:

Érica Melo, Pedro Plaza Pinto,
Priscila Marília Martins e Wilza Vilela

Editoria: Elaine Aguilera, Eliane

Gonçalves e Joana Plaza Pinto

Redação: Elaine Aguilera

Revisão: Elaine Aguilera e

Joana Plaza Pinto

Colaboração: Kemle Semerene Costa e

Renata Linhares

Editoração: Carla de Abreu (62-223.0566)

As opiniões presentes nas entrevistas ou nos artigos publicados são de responsabilidade de suas autoras e autores.

* Jornalista, assessora de comunicação do Grupo Transas do Corpo.

**Doutora em Linguística. Bolsista do Programa de Absorção Temporária de Doutores/Capes, vinculada ao Programa Pós-graduação em Letras da UFG. Colaboradora do Grupo Transas do Corpo.

Reinventando o Envelhecer

KEMLE SEMERENE COSTA*

“De manhã, ao acordar, me espreguiço toda pra aliviar as dores nas costas; levanto, olho no espelho e observo a evolução daquele vinco no rosto e dos fios de cabelos brancos que há pouco tempo fazem parte do meu semblante. Procuro uma roupa que não evidencie tanto aquela barriguinha e a flacidez das mamas que eu não tinha antes ... o sentimento é de tristeza e a constatação é uma só: eh, estou ficando velha!...”

A situação descrita acima vem ilustrar como, nos últimos tempos, as preocupações com o envelhecimento tornaram-se uma constante na vida das mulheres. Será que já paramos para pensar porque isso acontece? Afinal, quando é que começamos envelhecer?

São diversas as considerações sobre o início do envelhecimento. Seja na fase de concepção; entre a segunda e a terceira décadas, ou nas etapas mais avançadas da vida, o que se pode afirmar é que diferentes pessoas envelhecem de maneiras distintas, dependendo, entre tantos fatores, da época em que viveram sua infância e juventude, educação e maneira como estruturaram seu curso de vida. Portanto, não se pode tentar entender como se dá o processo de envelhecimento considerando os corpos apenas em seu aspecto fisiológico, independente dos parâmetros culturais e sociais em tempos e sociedades diferentes.

Mulheres e homens passam pela juventude, idade adulta e velhice naturalizando o que tem sido socialmente construído para as suas vivências, nos diversos tempos da vida. Postergar os efeitos do envelhecimento tem sido um grande objetivo, frente à concepção de inadequação, inutilidade e finitude do “ser velho”.

Para as mulheres, em particular, o “ser jovem” é condição para que sejam belas e atraentes. Muitas delas, a fim de atender aos padrões de beleza estabelecidos, se submetem a diferentes, e diversas vezes inconseqüentes, procedimentos, resultando por um lado, em comprometimento de sua saúde e, por outro, em fortalecimento da chamada “indústria da beleza”, representada por laboratórios,

determinados segmentos da medicina, da moda e academias de ginástica.

Não podemos deixar de destacar aqui, o uso indiscriminado da terapia de reposição hormonal que, com a promessa de tratar os sintomas e retardar os sinais do envelhecimento, vem reforçar a idéia de que menopausa é doença e o início do fim, necessitando, portanto, ser sempre medicada. O medo, a depressão, o comprometimento da auto-estima, considerados característicos deste período, podem permear a vida das mulheres em qualquer uma de suas etapas, independentemente das taxas hormonais. É fundamental, portanto, que profissionais de saúde estejam atentas/os à subjetividade que envolve as queixas que lhes aparecem, dispondo-se a ouvir as mulheres e conhecer suas histórias de vida, antes mesmo de pensar em medicá-las; é preciso, sobretudo, que as mulheres se fortaleçam no sentido de não permitir que seus corpos sejam alvos de intervenções desnecessárias.

O fato das mulheres, em geral, serem mais atentas ao aparecimento de sintomas, terem um conhecimento melhor das doenças e utilizarem mais os serviços de saúde foram alguns dos fatores que determinaram que o crescente aumento da expectativa de vida da população mundial ao nascer fosse mais significativo para a mulher do que para o homem, gerando, em grande parte, viúvas morando com filhos/as, ou chefiando famílias, ou ainda morando sozinhas, distante do apoio emocional tão necessário nesta fase da vida. Este pode ser um dos motivos de estudos demonstrarem que ao lado dessa maior longevidade, constata-se também uma maior frequência de longos períodos de doenças crônicas, comprometendo assim, a qualidade do envelhecimento dessas mulheres.

Foto: Nancy Durrell McKenna¹

Conversar sobre suas vidas, compartilhar os medos, as angústias, os desejos, há muito tem sido uma estratégia das mulheres para enfrentarem desafios e conquistarem direitos. Em relação ao envelhecimento não pode ser diferente. É preciso que elas, em conjunto, descubram formas de viver mais e melhor.

Compreender o processo de envelhecimento como um fenômeno que permeia o curso da vida – não é possível passar pela vida sem envelhecer – e reconhecer a grande contribuição pessoal nessa trajetória, pode representar para as mulheres oportunidade valiosa de redimensionar a própria existência, questionando o que lhe é imposto, buscando autonomia, conquistando direitos, reconstruindo as relações, reinventando uma nova maneira de envelhecer.

Fonte:

COSTA, K. S. Envelhecimento e Obesidade: o grupo de controle de peso no processo de educação em saúde (monografia apresentada ao Curso de Especialização em Gerontologia e Saúde do Idoso, da Faculdade de Enfermagem da UFG em 2002).

Red de salud de las mujeres latinoamericanas y del Caribe. La revolución de las canas. Cuadernos Mujer Salud /4, 1999

1- Retirado de KITZINGER, Sheila. *A mulher e o sexo*. Rio de Janeiro: Discos CBS, 1985.

* Kemle Semerene Costa, educadora e pesquisadora do Grupo Transas do Corpo, coordenadora da área de formação, mestranda em Ciências da Saúde.



Mais um ano de vida

O Grupo Transas do Corpo comemora em 2004 dezessete anos de vida. Para celebrar, estamos preparando uma festa de aniversário especial no próximo dia 30 de abril. O evento vai acontecer na Fundação Jaime Câmara, das 20 às 23 horas. Na ocasião, o Transas fará um grande lançamento reunindo publicações que estão sendo elaboradas desde o ano passado. Você não pode perder essa festa.

Para falar sobre adolescência

O Projeto Transas Adolescentes deu o pontapé inicial de suas atividades em 2004. Com a renovação da parceria com a Secretaria Municipal de Educação, as alunas e alunos das escolas da região sul da cidade já estão participando das visitas e cursos. O calendário completo desta e de outras atividades do Transas em 2004 já está disponível em nosso site: www.transasdocorpo.com.br.



Nosso dia, todo dia

Uma das comemorações do Dia Internacional da Mulher em Goiânia foi um evento promovido pelo Fórum Goiano de Mulheres e a Prefeitura da cidade no Jôquei Clube. Foram três dias (5, 6 e 7 de março) com vários estandes montados e a realização das oficinas Habilidades Manuais – Fuxico, Interpretação Poética e Vivência de Biodanza, todas coordenadas por Valú Ribeiro, que agora faz parte da equipe do Grupo Transas do Corpo.

VER-SUS no Transas

O Transas recebeu no dia 28 de janeiro um grupo de estudantes que participam do Projeto de Vivência e Estágio na Realidade do Sistema Único de Saúde (VER-SUS/Brasil). Durante a visita, as/os jovens de diversas partes do país puderam conhecer o trabalho de nossa instituição. O objetivo deste projeto é sensibilizar as/os futuros profissionais da saúde sobre o funcionamento do SUS e identificar suas parcerias, como é o caso do Grupo Transas.



Futuro planejado

A equipe do Transas reuniu-se nos dias 16 e 17 de janeiro para realizar o Planejamento Estratégico para 2004. Foi um momento de definição sobre projetos, datas de eventos e responsáveis por ações. O Planejamento Estratégico faz parte de uma série de ações que o Grupo Transas vem realizando para criar a cada dia maior comprometimento e profissionalização em suas ações.

Sexualidade: um debate a ser ampliado

SILVA, Ricardo de Castro. *Orientação sexual: possibilidade de mudança na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2002. (Coleção Dimensões da sexualidade).

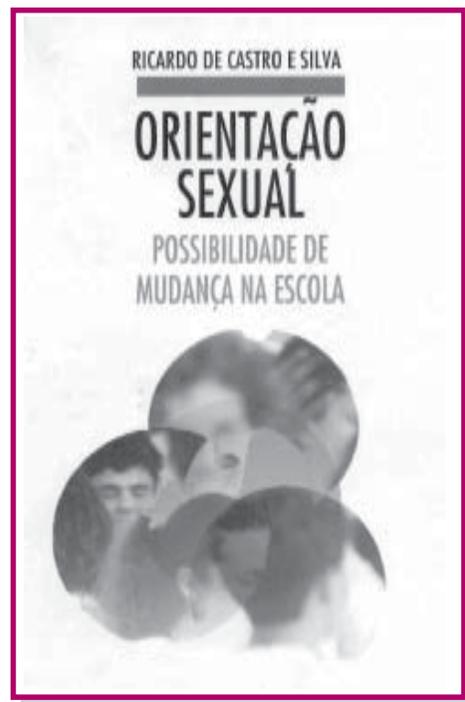
RENATA LINHARES*

O despreparo dos/as professores/as para discutir educação sexual, mesmo reconhecendo a importância do tema e tendo como referência os PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais (2001), que incluem orientação sexual nos temas transversais, é uma realidade presente no contexto escolar brasileiro. A principal idéia do livro *Orientação sexual: possibilidade de mudança na escola* é apresentar “aspectos fundamentais para a formação de educadores para desenvolver junto com a escola um trabalho pedagógico contínuo e sistemático na área de Sexualidade Humana” (Silva, 2002, 15).

O/a professor/a aparece como figura central no decorrer do livro, apresentando suas experiências, desejos, medos, reflexões, transformações, diante do trabalho de orientação sexual. As principais dificuldades apresentadas pelo autor no trabalho sobre orientação sexual na escola estão na “expansão do tema para além da sala de aula, envolvimento integrado da escola, compromisso e acompanhamento das secretarias de Saúde e Educação, espaço para o trabalho interdisciplinar e espaço para o planejamento em conjunto” (op. cit., 47). Porém tais dificuldades não são específicas no trabalho de orientação sexual, como enfatiza o autor, mas sim de toda a educação escolar.

Para Silva, o reconhecimento dos/das adolescentes como homens e mulheres sexuados/as, sujeitos de direito e de compromisso social, permite ao/à professor/a refletir sobre a educação. A sexualidade na escola também seria um motivador para tornar a aprendizagem mais prazerosa, tanto para os/as professores/as, quanto para os/as alunos/as. Mas será que a aprendizagem não pode ser prazerosa com outros elementos também? E a forma de discutir sexualidade será que sempre promove um prazer nos/as professores e nos/as alunos/as?

O autor enumera alguns pontos centrais que devem fazer parte da discussão na formação do professor/a: os medos e desejos do processo inicial do trabalho de orientação sexual; a importância de encontros sistemáticos; aprendizagem de como lidar com as diferenças sem colocar uma



verdade única; o prazer das relações de trabalho; a experiência de tocar nas emoções; a importância do espaço/tempo serem bem pensados; a censura que a escola faz sobre sexualidade impedindo alguns conhecimentos considerados tabus de entrarem; a transformação que provoca na vida dos/as professores/as. O autor não menciona nem a concepção de educação nem a de sexualidade na formação do/a professor/a, mas sim a sua personalidade e identidade. O autor do livro não faz nenhuma crítica ao discurso psicológico presente nos PCNs, nem discute a precariedade presente na escola e nas relações humanas.

Ele conclui o livro propondo mais uma metodologia para trabalhar com orientação sexual nas escolas de maneira coletiva, partindo dos interesses dos/as alunos/as. Faz necessário ampliar a discussão, entendendo que a responsabilidade em debater sobre sexualidade é de um coletivo bem mais amplo, como por exemplo da família, meios de comunicação, igreja, portanto, para lutar por equidade temos que ir ampliando o debate em toda a sociedade.

* Estagiária de Psicologia (UCG) no Grupo Transas do Corpo. Integrante da equipe do projeto Transas Adolescentes e professora na rede municipal de ensino de Goiânia.